2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 27. QUINTA FEIRA, 12 DE FEVEREIRO DE 1852. 11. ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

SOCIEDADE DOS ARTISTAS LISBONENSES.

XIII Anniversario.

A simplicidade do titulo deste artigo mal póde dar ideia da gravidade e da grandeza do pensamento a que se refere.

Foi pelo portal de ogiva apenas distincta no centro da arcada de columnas sotopostas, que o architecto da idade media abriu caminho para a entrada desses templos, em que a alma, como a vista, se dirige para o ceu e para a contemplação da ideia divina que ahi está illuminando o intendimento.

É tambem pelo conhecimento de um titulo singelo, que se póde ensinar ao paiz, onde está o modêlo do espirito de associação.

A larga, e já tão nobre e proveitosa, historia da Sociedade dos Artistas Lisbonenses, demonstra que é na classe do trabalho que em Portugal a associação é uma verdade.

Esta Sociedade é para nós uma ideia grande, porque significa a previdencia do trabalho—é um assumpto grave, porque a sua brilhante vida é uma severa e justa reprehensão ás sociedades compostas de outras classes, em que a inveja e a vaidade destroem como fogo todos os desejos e todas as esperanças.

Ha um anno [1] que tivemos a honra de archivar, nas paginas da REVISTA, os estatutos desta sociedade. Descrevemos nessa occasião o seu decimo segundo anniversario, fallando individualmente dos socios que tomaram parte em tão grande solemnidade industrial.

Já que tivemos a fortuna de assistir ao seu decimo terceiro anniversario, gostosamente cumprimos o dever de noticiar a situação prospera em que a sociedade se revelou ao completar os seus 13 annos de existencia.

A sociedade consta ao presente de 448 socios, desde a sua existencia tem despendido na execução dos seus estatutos 5:763$158 rs., e tem em caixa um saldo de 3:509$880 rs.!

Eis aqui a obra grandiosa do trabalho e da associação.

O decimo terceiro anniversario da Sociedade foi festejado na sala das sessões da Sociedade Promotora da Industria Nacional.

Regosijamo-nos com esta aproximação sympathica das duas Sociedades.

A Sociedade promotora tem sido a causa unica das Exposições industriaes que tem havido no paiz — esses factos, que são em toda a parte os mais importantes da vida industrial, resultam do seu trabalho e dos seus meios.

A Sociedade dos Artistas póde estar persuadida, que naquella mesma sala em que se ostentou tão grandiosa e util, se reunem homens que são seus admiradores, e que só pensam em promover e defender o trabalho nacional.

O busto do duque de Palmella, um dos Presidentes a quem mais deve a Sociedade Promotora da Industria, ficava bem entre as galas de festa que o cercavam, ao pé do zeloso Presidente da Sociedade dos Artistas, homem honrado e crente na alta missão desta Sociedade, e o qual para nós é das mais solidas garantias do seu futuro.

A sala, sendo muito vasta, não podia conter

[1] Numero 22 do tom. III da 2.ª serie.

as pessoas que desejavam assistir a uma festa bem poucas vezes vista.

Estiveram presentes, o sr. Ministro do Reino e muitas intelligencias do nosso paiz.

Os socios que fallaram merecem todos o maior louvor — em nenhuma parte do mundo a classe operaria se apresenta mais sensata, mais instruida nos seus interesses e deveres, nem mais crente nas verdades do Evangelho, e na esperança que brotou das suas eternas paginas.

Todos os discursos pronunciados eram o symbolo da gratidão e do amor de bem unidos irmãos.

Na fé, na gravidade, e na franca manifestação de pensamentos moraes e bellos, esses discursos são como um modêlo que outras associações e outros homens fariam bem se imitassem.

Alli naquella sociedade o nome do fundador, o sr. Alexandre Fernandes da Fonseca, jámais esquece, e todos o citam para o cercar do mais sincero louvor e do mais sentido reconhecimento.

O discurso lido é ahi tão perfeito como o discurso improvisado, e esses homens que tem gasto a vida nas officinas, fallam, escrevem, e poetisam, como se a houvessem consumido nas aulas e nas bibliothecas.

Não nos podendo lembrar a serie dos nomes, não citaremos nenhum para não offender o que se podesse omittir.

O fundador é quanto a nós um dos portuguezes mais felizes, não só por vêr o engrandecimento da sua idéa, mas porque em uma terra onde tudo se nutre de ingratidão e de inveja, elle vê que lhe são gratos.

O amor de irmãos, que liga os socios, traduz-se na verdadeira alegria que a todos causa o triumpho de cada um.

É neste sentimento de amor, que está a sua força, e que reside a esperança do seu futuro.

As classes que se estão desunindo pelo odio que nasce de sentimentos baixos, se não aprenderem nesta lição, hão de um dia reclamar não o poder, mas a influencia; e a fatal resposta de *que já é tarde* as accordará do somno indolente da sua desmoralisação. Em logar de se amarem como irmãos, riem-se uns dos outros — e o futuro ha de rir-se delles.

O presidente da sociedade, o sr. Chaves (serralheiro), é o symbolo da idéa que estamos representando. Temos algum conhecimento deste artista, e francamente declaramos que se o bom senso daquella modestia não é verdadeiro, se a sensação que as suas palavras lhe trazem da alma não existe, e se elle não possue uma bella intelligencia, junta a um coração generoso, em taes circumstancias não acreditariamos em ninguem. Reconhecemos os perigos da sua situação, e fazemos tal conceito do seu juizo, que nos basta a idéa de que pensará nelles, para julgarmos que os saberá evitar.

Uma scena inesperada e nova, mas verdadeiramente formosa, e resplandecente de poesia, commoveu a todos. A esposa de um socio, pedindo a palavra, usou della, para em singelas, mas bem sentidas palavras, dar conta da honrosa missão que tinha a cumprir; poisque em nome das viuvas soccorridas agradecia com saudade neste dia solemne, os soccorros que as livrou dos horrores da miseria; e levantando-se, em nome dessas mesmas viuvas, e com as lagrimas nos olhos, abraçou o presidente, que sensibilisado retribuia com apropriadas expressões esta lembrança fraternal, que os beneficios da sociedade traziam para o meio das galas da sua festa.

Além dos socios, alguns espectadores fallaram, inspirados pela scena evangelica e magnifica que estavam presenciando; e estes foram os srs. Castilho, Sant'Anna, Sousa Brandão, e Mendonça. A uma destas pessoas ouvimos bem explicar o facto de usar da palavra, não sendo socio, por meio da especie de corrente electrica, que se estabelece entre o coração, e os grandes factos que se passam em volta de nós. E foi esta realmente a base de quanto disseram os oradores que não eram socios.

Quem em Inglaterra e em França tivesse assistido a reuniões similhantes, bem podia dizer fallando da nossa desgraçada situação que em Portugal só o povo e clima favorecem os interesses da civilisação.

A historia desta sociedade até hoje pode-se abrir em qualquer paiz, porque ha de ser vista com respeito, e citada com admiração.

É no apogeo da gloria, que chegam os perigos da tentação; e a Christo foi offerecido o mundo para não remir a humanidade. Os homens de trabalho, reunidos na Sociedade dos Artistas, acceitaram o dever de remir a sua classe, valendo aos invalidos, soccorrendo as familias dos seus irmãos, que morrem, e educando os orphãos.

Quem ha 13 annos tem zelo e coração para o trabalho de acabar na classe operaria com a indigencia, e com a ignorancia, terá o bom senso de não trocar por um mundo illusorio a verdadeira remissão dos que trabalham.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

DISCURSO DO PRESIDENTE DA SOCIEDADE DOS ARTISTAS LISBONENSES.

Temos a satisfação de publicar este muito apropriado discurso, agradecendo ao sr. Chaves o haver annuido ao nosso pedido para o publicarmos. A REVISTA — que foi o jornal, que em o nosso paiz juntou pela primeira vez na lista da sua collaboração os nomes de operarios aos nomes de alguns dos nossos primeiros escriptores, é honrada com a publicação deste discurso, e se-lo-ha sempre que poder publicar trabalhos de um artista, que como o sr. Chaves é tão distincto e assiduo no seu mister como no estudo dos verdadeiros meios que honram a sua classe.

SENHORES:

A realisação das grandes idéas, seja-me permittido dizel-o, tem uma vida fisica, similhante á de todos os seres da creação, tem como elles de percorrer differentes e variados periodos.

A apparição da idéa no cerebro que a gerou é a semente contida no embrião, a sua communicação é o seu nascimento, a adhesão a essa idéa o seu primeiro desenvolvimento, e a multiplicidade das adhesões a seiva, o alimento, que a nutre e a vigora; tal tem sido a origem e progressos das grandes concepções, tal foi a origem e tem sido os progressos da Sociedade dos Artistas Lisbonenses de que hoje festajamos o decimo terceiro anniversario da sua instalação.

A revolução social, que as idéas avançadas e generosas produziu nos povos, devia necessariamente tocar a nossa terra, o nosso povo sempre docil, tão intelligente, tão disposto a comprehender o bem, e a pratical-o!, devia recolher forçosamente uma parte da herança legada pelos esforços generosos e desinteressados dos amigos da humanidade, se um funesto destino não tivesse por longos annos presidido á direcção das nossas cousas. O nosso povo, digo, a despeito mesmo de qualquer vocação em disposição favoravel, havia de receber a transformação que a revolução devia operar no seu viver, nos seus usos, e nas suas praticas; é por essa causa, que, quando a revolução veio assentar entre nós os seus arraiaes, e dizer ao passado: « Deixastes de existir », quando ao seu mando ingente as mais antigas e venerandas instituições caíram desfeitas como o pó, quando no cháos da destruição, e da creação, na confusão de instituições novas desconhecidas do povo, se estabeleceu um outro regimen, a classe operaria, foi d'entre as classes da sociedade a que mais se resentiu d'essa transformação.

Organisada como classe, favorecida pelo privilegio e isenções, com uma organisação quasi politica, cujos foros tinham sido conquistados por longos annos de serviços, de sangue, de dinheiro, e de dedicação, investida da auctoridade no seu mister official, com recursos para poder attingir as suas necessidades, achou-se repentinamente despojada de todos os seus foros e regalias, dispersa, desmembrada, só entregue a esforços isolados, sempre inutilisados pelo egoismo, explorada pela especulação, espoliada pela avareza, desprezada pelo orgulho, vegetava morbida e em progressiva decadencia. Porém, a Providencia, sempre solicita e cuidadosa, fez surgir entre nós esses espiritos elevados e fez corações generosos, que não são partilha d'uma classe, mas que Deus distribuiu por todas, para que, como sentinellas vigilantes, velassem pelos seus: d'entre esses homens houve um que soube por medidas acertadas, e patrioticas, dar vida e movimento a uma classe das que constituem a maior força e mais concorrem para a prosperidade d'um estado: o impulso dado por esse respeitavel genio despertou os brios adormecidos, deu alento a outros corações, não menos generosos; uma cruzada santa a favor do trabalho foi a consequencia desse impulso, todos á porfia quizeram tomar armas n'ella, e desde então a classe operaria tem, talvez sem o sentir, tomado as grandiosas formas, que hoje já póde ostentar.

Muito havia a fazer, e diversos os objectos a crear; a alma ardente, e bondosa d'um homem concebeu um grande pensamento, e soube da decadencia e do abatimento extraír o remedio para taes males. Este homem é o sr. Alexandre Fernandes da Fonseca, e fundador da Sociedade dos Artistas Lisbonenses.

Os pensamentos grandiosos, são por uma fatalidade pouco comprehendidos e ainda menos apreciados, foi por esse motivo que, quando o fundador d'esta sociedade communicou o seu pensamento, achou difficuldades na sua execução; mas perseverante pela fé na sua idéa, ardente pela crença da sua utilidade, poude depois de 23 mezes d'arduos trabalhos instalar uma sociedade, que é, e será para o futuro um modelo, onde a classe operaria virá copiar identicas instituições. Sabeis com quantos obreiros erigiu tão vasto edificio? com 19, que tantos eram os socios que em 3 de fevereiro de 1839 disseram « está instalada a Sociedade de Artistas Lisbonenses » tão diminuto numero para tão grande aspiração devia desanimal-os; não aconteceu assim: como apostolos d'um outro sublime e novo evangelho, poderam espargindo o bem adquirir o credito, pelo religioso cumprimento dos seus compromissos, atrahindo assim numerosos socios, a ponto de poder contar hoje com 448.

Instituida a sociedade, sanccionados os seus estatutos, começou a sua missão bemfazeja; se bem que sem meios abundantes, porque só contava com os seus recursos, soube satisfazer plenamente as suas promessas; quando o primeiro dos seus socios cahiu fulminado pela doença, achou no cofre da sociedade, o auxilio que lhe mitigasse o acerbo padecer de seu male desde então augmentando progressivamente os seus doentes, tem com elles despendido a quantia de 2:526$940 réis.

O anno passado, srs., chamei a vossa attenção sobre um facto que devia merecer as vossas meditações; de novo vos peço que reflictaes sobre o mesmo facto, porém em outra ordem de idéas.

D'entre os socios a quem a sociedade tem soccorrido, encontra-se um, cego e absolutamente pobre, com este tem-se despendido a importante somma de 438$000 réis.

Este socio, srs., era um honrado ferrador, laborioso, economico, assiduo e acreditado, tinha ajuntado uma pequena fortuna, com a qual se julgava a coberto da desgraça; quando veio alistar-se na nossa sociedade, foi só movido pelo desejo de ser util, e de

contribuir para o bem dos seus companheiros de trabalho.

Quem dissesse a este homem em seus dias de prosperidade: — «tu serás victima de longa enfermidade, que esgotará tuas forças productivas; a cegueira vendará teus olhos; consumido o teu cabedal, cahirás na miseria, no abandono, e no esquecimento; só os teus irmãos associados se lembrarão de ti e te estenderão mão protectora, que te salve da total miseria, e leve á tua alma a consolação e o conforto que te nega a multidão indifferente» — quem tal lhe dissesse talvez obtivesse, como uma resposta, um sorriso de piedade; comtudo o vaticínio realisou-se, e infelizmente se realisam todos os dias milhares destes factos.

Artistas e operarios, se a fortuna vos sorri, e vos dispensa seus favores, não adormeçaes no seu regaço, lembrai-vos que o capital isolado de um de vós, ainda que avultado seja, é sempre inferior ao capital de que póde dispôr uma sociedade fundada pelo amor da humanidade, e sustentada pela santidade dos seus fins; e que os vossos recursos individuaes não se pódem medir com os recursos de vossos companheiros, ligados pelo sagrado laço d'uma reciproca fraternidade. Lembrai-vos que essa fortuna está exposta a mil vicissitudes: a doença, o abuso de confiança, uma especulação mal calculada, uma prisão injusta, vos pódem lançar na mais horrivel miseria; se podeis, pois, dispor dos vossos haveres, já que os tendes, vinde inscrever-vos nos registos da Sociedade dos Artistas Lisbonenses. Senão procuraes colher os bens que ella dispensa, vinde saborear o inefavel prazer de contribuir para o allivio dos vossos irmãos enfermos, dos vossos companheiros inhabilitados, das viuvas dos vossos camaradas na honrosa campanha do trabalho; vinde ajudar a dar o pão do espirito aos orfãos dos vossos em tudo similhantes. Se a desgraça vos colher no exercicio de tão santa missão, os vossos consocios vos retribuirão generosamente, e vos indemnisarão com largo premio dos vossos serviços prestados á desventura; não passareis pela dor de estender vossas mãos supplicantes na praça publica aos indifferentes viandantes: porque os vossos consocios velarão por vós, e vos ministrarão vossa subsistencia. Se a morte vier arrebatar-vos d'entre os braços d'uma esposa querida, e roubar-vos as ternas caricias de innocentes filhos, tende a certeza que nós vigiaremos por ella, e por elles, que seremos em vosso logar o seu amparo, e sua consolação, e que trabalharemos solicitos para a sua felicidade: a prova do que vos digo podeis verifical-a, ide aos archivos, lá encontrareis o que se tem gasto com as viuvas, a avultada somma de 854$880 réis, distribuida por 13 viuvas que é quantas já contamos, tendo a primeira d'entre ellas já recebido 123$600 réis; e nos livros dos orfãos vereis a quantia de 120$160 réis applicados á sua educação etc.

Em vista do que vos exponho, julgareis que tamanho dispendio nos terá enfraquecido; não; começando com uma divida de 88$000 réis, podémos pagal-a, e cumprir os nossos estatutos; tendo durante os 13 annos de nossa existencia, recolhido réis 9:273$040, e pagando pontualmente todas as despezas, contamos um saldo existente de 3:509$882 réis.

Concluo, srs., o meu franco, ingenuo e em tudo verdadeiro relatorio: permitti que vos diga que comprehendemos o espirito do nosso seculo, que temos pela nossa fé feito todos os esforços para realisar o seu pensamento, que destes esforços tem colhido a humanidade não pequenas vantagens, e a classe operaria não pequenos bens. Tenho a consoladora esperança que, ainda antes de terminar este anno, possamos dar maior desinvolvimento a esta instituição; confio nos meus irmãos de trabalho, e naquelles que de certo virão associar-se; confio nas almas ardentes pelo bem do povo, nessa classe intelligente que cultiva as sciencias, e que sempre está disposta a auxiliar o trabalho; confio em todos os corações generosos que palpitam e anhelam por serem uteis aos seus concidadãos, que nos ajudarão nesta tarefa tão santa, tão digna dos nossos votos e dos seus valiosos serviços.

BARRA DE VIANNA.

Recebemos com prazer a carta que ao diante publicâmos e que o sr. conselheiro Joaquim Honorato Ferreira nos dirige ácerca do nosso artigo do numero anterior sobre a — Barra de Vianna. — Essa carta prova a vantagem de discutir na verdadeira altura dos principios os interesses economicos do paiz. Se o illustre deputado, que adoptou o projecto, nos diz que está de accordo com as nossas idéas tambem nós temos a satisfação de lhe responder, que approvamos o projecto que hoje se deve considerar seu.

Agradecemos a nota que nos manda sobre a exportação de 1852, e á mingua que temos de elementos estatisticos, bem desejariamos que as pessoas que possuissem alguns imitassem o sr. Ferreira, depositando-os no archivo que a REVISTA abre nas suas columnas a todos esses elementos.

Sr. redactor. — Vi, com muita satisfação, o artigo que v. dedicou, na sua REVISTA UNIVERSAL de quinta feira ultima, ás obras da barra de Vianna, e ao projecto que, para se ellas levarem a effeito, tive a honra de apresentar na camara dos srs. deputados.

Concordo perfeitamente com as idéas de v. em quanto considera que seria muito mais conveniente que as obras locaes, de interesse geral, se fizessem pela receita geral do Estado, e não por impostos especiaes, que gravando os alimentos ou materias primas importadas n'uma provincia, augmentam como consequencia necessaria os preços de todos os productos dessa provincia, quer sejam para exportar, quer para trocar no paiz.

Attendendo, porém, á nossa situação financeira, parece-me que essas considerações devem ceder á urgente necessidade de emprehender certas obras de reconhecida e immediata vantagem geral, que — for-

çoso é confessal-o — se não conseguirão de outro modo. Similhantes impostos, quando são lançados com prudencia (e estes foram convenientemente meditados pelos proprios commerciantes de Vianna, que proposeram a tabella) similhantes impostos, digo, tornam-se bem depressa em capital productivo; e se, neste caso, a provincia póde momentaneamente perder pelo excesso do custo dos seus productos, e trabalho — esse prejuizo insignificante será brevemente compensado, com verdadeiro interesse geral, pelo augmento da navegação, e pelo consequente incremento na sua exportação.

O projecto offerece um systema mixto para occorrer á despeza. Ao rendimento do novo imposto, cuja moderação é facil avaliar pela quantia de 6:000$000 réis em que está orçado cada um anno, accresce o da Ponte Velha sobre o Lima, que produz de 2:000$ a 2:500$000 réis de que se deduzem as despezas de administração, e concertos; e uma quantia da dotação annual votada para obras publicas no orçamento geral do Estado — que pelos artigos 5.° e 6.° do projecto, deve tudo ser applicado para a obra de que se tracta.

Parece-me, portanto, que o projecto, se não foi elaborado pelos dignos pares do reino, a cuja camara se deve, debaixo das absolutas indicações economicas que a sciencia aconselha, aproximou-se porém do rigor dellas, tanto quanto as circumstancias do paiz, e as conveniencias da localidade, permittiam.

A camara dos dignos pares procurou com especialidade providenciar ácerca das garantias indispensaveis para a leal applicação do imposto, fiscalisação, e administração das obras; e a camara dos srs. deputados prestará, no meu entender, um bom serviço á provincia do Minho, se, quanto antes, approvar o projecto, embora com uma ou outra modificação na sua structura, por que eu mesmo não terei duvida de votar, sempre que me convencer da sua conveniencia.

Permitta-me v. que, como complemento do mappa que acompanhou aquelle seu artigo na REVISTA de quinta feira (e foi este o fim principal que me levou a escrever-lhe esta carta) lhe offereça eu a seguinte nota da exportação do milho pela barra de Vianna no anno passado de 1851, para os portos da Grã-Bretanha, reduzindo a medida a moios de Lisboa, pelo mesmo calculo que v. adoptou:

Bandeira nacional,	vasos	11	moios de milho	1:668½
» estrang.ª,	»	9	»	1:913½
Total	»	20	»	3:582

Sou com particular consideração

De v. etc.

Travessa de St.° Antonio 7
de fevereiro de 1852.

JOAQUIM HONORATO FERREIRA.

OLIVEIRAS.

É incontestavel que o cultivo das oliveiras e o fabrico do azeite nos estão abrindo uma copiosa fonte de riqueza para a nossa agricultura.

Ultimamente os premios conferidos na exposição de Londres pelo jury mais conspicuo e respeitavel que até ao presente se tem reunido, fez chamar a attenção do commercio inglez sobre esta parte da nossa agricultura. Em 4 a 5 dias o producto sahindo de Lisboa póde estar em Londres. Esta vantagem, e os premios recebidos impoem deveres aos nossos agricultores. O que ainda se nota aos azeites portuguezes tem, entre outras, tres causas — pouco cuidado no cultivo da oliveira, algumas imperfeições no fabrico, e o gosto do azeite — circumstancia esta que para Portugal lhe dá valor e para o estrangeiro lho tira. Não é nosso proposito discorrer agora sobre as causas que deixamos apontadas, mas unicamente escrevemos as presentes linhas para demonstrar a utilidade das instrucções praticas que sobre oliveiras publicou ha pouco a commissão administrativa dos pastos dos olivaes de Elvas, composta dos srs.:

Francisco de Paula Santa Clara, presidente.
Padre, Julio do Carmo Furtado.
Domingos Antonio Lino.
Antonio Gonçalves Nobre.
José Ignacio Pereira.
José Martins d'Atalaya.
Sebastião Antonio Nunes.

A commissão é merecedora de muitos louvores pela intelligencia com que comprehende a sua missão.

Em seguida publicâmos as instrucções que muito convém popularisar pelas terras onde fôr possivel a cultura da oliveira.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

Instrucções.

Tendo a commissão administrativa dos pastos dos olivaes deste concelho de Elvas offerecido um premio pecuniario aos viveiristas de estacas de oliveira, com o fim de os excitar a emprehender este ramo de industria agricola, de que se póde para o futuro tirar optimos resultados tanto na melhor, e mais certa propagação desta preciosa arvore: desta arvore, que se deve considerar com Columella ser a primeira d'entre todas as arvores, *(olea prima omnium arborum est)* pela riqueza dos seus productos, pela gala de sua folhagem sempre virente, e pela duração de seculos de sua vida: quem se não extasia á vista desta arvore quasi entregue a si mesma, carregada de fructo? — mas tambem com as vistas de evitar o roubo das estacas grandes para o plantio, que tanto damnificam as oliveiras, e desmoralisam o povo. Compensando assim de algum modo as despezas do primeiro tra-

balho, deverá o emprehendedor, mais tarde, ser indemnisado amplamente do seu disvelo, e dedicação, pela venda infallivel de suas pequenas arvores, que verificará para plantio dos olivaes do concelho, e mesmo para fóra delle pela bella qualidade da nossa azeitona, que muito as fará procurar.

Sem pertender fazer o elogio da especulação, a que os proprietarios e rendeiros deste couto são convidados pela commissão administrativa dos pastos; lembrar-lhes-hemos só, de que na Italia, França, e até na Hespanha ella se tem tornado lucrativa; a par do methodo mais expedito e seguro de renovar, e crear olivaes das melhores e mais productivas especies de azeitona. E ficarão os elvenses estacionarios na antiga rutina inculcada, só porque a não viram praticar anteriormente? Eis o que se não póde conceder, sem lhes negar o bom senso, que os caracterisa.

Convém, porém, que alguma coisa se insinue, relativa á pratica dos viveiros, extractada dos melhores escriptores, com que se evitem erros, e absurdos, que desanimem os menos vistos na sua creação, esperando da boa experiencia o aperfeiçoamento desejado: e nesta intenção se offerecem as seguintes instrucções, para a direcção de um viveiro de estacas de oliveira.

Todo o proprietario de fazenda murada, ou seu rendeiro, tem á sua disposição os meios de estabelecer um viveiro de estacas de oliveira, consagrando a esta pequena cultura um canto da quinta, ou horta, até o mais despresado, e menos proprio para hortaliças, com a capacidade necessaria para o plantio que intentar fazer: só com a circumstancia de poder ser regado no tempo dos maiores calores do estio — Destinado o local, segue-se a surriba delle, na profundidade de tres palmos, arrancando cuidadosamente todas as raizes de grama, silva, ou de outros arbustos, e as pedras; ficando a terra bem remechida, e desterroada.

Não deve deixar de se ter em consideração, de que esta arvore teme tanto os grandes frios, como a excessiva humidade, que a fazem perecer principalmente na sua juventude: convém pois que o local escolhido esteja ao abrigo dos ventos do norte, por uma encosta, parede, ou arvoredo espesso, e que o terreno não seja alagadiço de inverno.

Se dissemos que o terreno menos proprio para hortaliças era capaz para o viveiro, não foi irreflectidamente; porque, na verdade, é este preferivel ao pingue e substancial para esta cultura; a experiencia, e a theoria provam ser mais vantajoso; porque a arvore, que se acha durante os primeiros annos da sua existencia na situação a mais favoravel possivel, os seus vasos tomam uma amplitude proporcionada á abundandia de seiva que recebem; porque se esta situação muda para peior, estes mesmos vasos não recebendo a mesma quantidade de seiva, não pódem della encher-se, nem levar por consequencia todo o sustento necessario ás extremidades dos ramos.

Observa-se, que quando se muda uma arvore de um bom terreno para um máu, enfraquece, definha-se, e acaba quasi sempre por morrer no fim do primeiro, ou segundo anno; em tanto que, a que foi arrancada de um solo mediocre, e se planta em outro melhor, ou menos máu, sempre prospera.

A oliveira do viveiro é destinada a toda a casta de terrenos, e talvez os mais ingratos lhe servem de apoio.

A operação da surriba, e limpeza da terra deve ser feita antes do inverno, depois do qual se propõe fazer a plantação; para que a terra do fundo trazida á superficie tenha tempo de desterroar-se com as chuvas, gêlos, e impregnar-se dos gazes atmosphericos.

Quando chegar o tempo de se fazer a plantação do viveiro, isto é, em março e abril, conforme a primavera for enxuta, ou humida: mais tarde se tiver chovido muito; e antes se tiver sido enxuta: prepara-se de novo a terra com uma cava funda de enxada, extirpando o resto das raizes más, e endireita-se.

Todas as partes da oliveira concorrem mais ou menos para a multiplicar — pela semente, pelo córte dos troncos velhos, pelos rebentos das raizes, pelos troços destas, ou pela mergulhia dos ramos — mas o que julgamos mais expedito nos bons resultados, e mais ao alcance de todos, é por meio de estacas — estas se pódem haver em abundancia na limpeza dos olivaes, preferindo as de casca lisa, das qualidades mais productivas, de tres palmos ao mais de comprimento, despojadas de todas as suas folhas, se enterram, abrindo covas na terra já preparada, na distancia de tres palmos de umas a outras, calcando a terra contra a estaca suavemente, e cobrindo-a della até deixar apenas meio palmo de fóra: devem dispôr-se em carreiras, para que mais facilmente se reguem, no tempo dos maiores calores, buscada a inclinação do terreno — assim dispostas, não se lhes mexe mais até ao principio do verão, em que se lhes dá uma pequena sacha, arrancando-lhes toda a erva, e se formam os regos para a rega, a qual se lhes ministrará conforme a precisão, que mostrarem della, sendo ao muito nas terras mais seccas, de oito em oito dias, e nas que o forem menos, mais espaçadas. Serão raras as estacas, que deixem de rebentar nos primeiros tres, ou quatro mezes, de postura; e os seus lançamentos devem ser todos conservados, pela rasão de que as raizes crescem na proporção delles, e das folhas — mais duas sachas durante o verão e uma no principio do inverno seguinte lhes são muito necessarias, principalmente nas terras argillosas: — em regra é preciso conservar a terra movel na superficie, e limpa das más ervas — é nos viveiros principalmente que o adagio — lavrar val estrumar — tem a sua verdadeira applicação: — estas sachas com tudo devem ser feitas de modo que as raizes não sejam feridas, ou desacompanhadas: escolher-se-ha para as fazer uma época, em que a terra não esteja, nem muito secca, nem muito molhada, a fim de que ella se divida mais facilmente.

Temos chegado ao fim do primeiro anno de viveiro: — no segundo, e terceiro continuam-se os cuidados do primeiro, só com a differença de irem cortando com a navalha alguns raminhos mais mal conformados, e com avessa direcção, em ordem a que vão tomando força, e vigor, os que subirem em linha recta, ou com pouca inclinação, e no terceiro anno se lhes deixam apenas dois até tres dos renovos mais avançados em vegetação, um dos quaes ha de

vir a formar o caule, ou tronco, quando se lhe supprimirem os restantes, o que terá logar depois da transplantação, e não antes, para se precaver algum desastre nesta manobra, como de se quebrar um, e servindo o outro de fiador. As estacas que no primeiro anno não brotarem renovos, posto se conservem verdes, devem ser substituidas por outras, por mostrar a experiencia, que nunca se fazem boas.

Depois do terceiro anno ter-se-hão estacas no estado de deverem ser transplantadas. Tem-se observado quanto é vantajosa esta mudança — ainda que com um accrescimo de trabalho, elle é bem compensado pelo desenvolvimento mais rapido dos lançamentos.

A transplantação faz-se para um terreno igualmente preparado, como se disse para o do viveiro, o mais aproximado possivel a este, para evitar conducções, e aonde se abrem; covas da capacidade necessaria para receberem commodamente as raizes da estaca; e se alinharão, para facilitar a rega no estio, em distancia umas das outras não menos de seis palmos, para que as raizes se possam alargar sem se encontrarem, e com mais facilidade se andar entre ellas, para os amanhos de que carecerem, e por fim arrancarem-se novamente para o plantio no olival, com menos quebra nas raizes: — o tempo para esta transplantação póde ser no outono depois das primeiras aguas, ou nos fins de fevereiro, quando tambem passados os maiores frios: — se houver alguma porção secca da estaca, o que muitas vezes succede, na parte que fica fóra da terra, será decotada com muito cuidado, para não offender os rebentos, ficando todo o resto coberto de terra, mas não profundamente.

Todo o cuidado que haja em lhe amanhar as raizes não será de mais, estando-se bem convencido, que desse cuidado dimana o bom, ou máo successo da empreza, por isso não se deve confiar esta obra de mão a rusticos inexperientes, que tudo fazem mal, e talvez de má vontade.

Começa-se por abrir uma cova em roda da estaca, ou melhor uma sanja profunda, se forem muitas e aproximadas as estacas, que se quizerem transplantar; e se lhes vae arredando a terra, de modo que se não offendam as raizes, que nesta época ainda são muito delgadas, e quando estiver escavada em roda, se tenteia levantal-a com alguma terra pegada, o que tendo-se conseguido, se vae collocar na cova antes aberta, fazendo que as raizes conservem a direcção natural, que trazem, e não obrigando-as em sentido opposto, dando-lhes alguma inclinação para baixo, se vão acompanhando de terra até se acabar de encher a cova. — Já se vê que a pressa neste arranjo póde prejudicar o resultado, que se appetece.

Se a terra da cova não está competentemente humida, se lhe dará uma rega, para conchegar a terra ás raizes: — se tudo, como se recommenda, fôr bem feito, e nos seus devidos tempos, não falhará o successo feliz. Nesta transplantação continua-se o tractamento, que se recommenda nos primeiros tres annos, isto é, de sachas e regas nos maiores calores do estio, com a differença de que agora se começam a escacear estas, e no decurso do quinto anno só se lhes ministram as indispensaveis, quando a necessidade absoluta o indique, pela rasão de que esta arvore é destinada a soffrer todas as inclemencias das estações; e mudada para um terreno naturalmente sêco, não lhe póde este fornecer a porção de seiva, a que estaria habituada pelas regas abundantes, e neste caso muito soffreria, e talvez perecesse.

No fim do quinto anno já teremos estacas, em estado de serem mudadas para o olival — o seu arranque deve ser feito com as cautelas recommendadas para a transplantação — que offendam o menos possivel as suas raizes, que levem alguma terra pegada entre ellas, para sentirem menos a mudança, e que se colloquem na cova com a mesma diligencia na direcção das raizes: — as covas para as novas arvores nunca perdem por grandes, quanto maiores mais terra remechida offerecemos ás suas raizes para a permeiarem com mais facilidade, e se desenvolverem: — devem ser abertas quatro, ou cinco mezes antes da plantação, para que os meteoros da atmosphera as beneficiem, isto é, o sol, a chuva, as geadas, e o ar: quadradas, com o que se desloca mais terra, de seis palmos por banda, e cinco de fundura, e não redondas como de uso.

Antes de lhes meter as arvoresinhas, cava-se um pouco o fundo, e se lhe deita uma porção de terriço, ou esterco muito consumido, e na falta delle ao menos alguma terra da superficie, com erva: — vai-se-lhe conchegando a terra ás raizes bem dispostas, cavando e desboroando-a de todos os lados da parede da cova, até de todo se encher: suppõe-se a terra sufficientemente humida, para dispensar uma rega, que aliás seria de rigor, para segurar a pega: — a mudança póde fazer-se antes, ou depois do inverno, isto é, em novembro, ou em março em tempo favoravel: — se a cabeça ou copa da nova arvore se achar muito carregada de rama, deverá suprimir-se-lhe alguma, sem descompor a sua forma, e isto para não fatigar tanto a nova planta que esmoreça por lhe não poder fornecer a seiva necessaria, em quanto as raizes a não elaboram: — posta no seu logar, resta ser defendida do dente do gado em pastoria, para o que se encarrascará, mas de modo que a não suffoquemos com um feixe de matto: os seus ramos principaes ficarão de fóra para receber as influencias do ar, e do sol. — Visitar-se-hão a miudo para remediar qualquer desmancho, que os damninhos possam causar nellas. Se as pequenas arvores são destinadas a serem plantadas ao longe, se fará o arranque com as precauções já ditas, que levem alguma terra pegada ás raizes, e que estas se envolvam em uma camada de musgo, erva, e folhas verdes, tudo ligado brandamente com junça, e se humedeçam todos os dias, até chegarem ao seu destino: sem estas cautelas, arrisca-se a perderem-se algumas, principalmente se as raizes estiverem expostas ao ar por mais de um dia.

Se a brevidade não fosse recommendada por varias conveniencias, mais larga se daria a estes preceitos, que serão de sobejo para o entendedor reflexivo, e sempre escassos para o menos avisado, que nada quer emprehender por falta de disposição, e gosto.

De resto, estas succintas noções apontam apenas para ensaios que a boa disposição aperfeiçoará, e não se destinam de modo algum a uma industria exclusiva. — O proprietario deve esperar sempre tirar da sua terra a maior somma de proveito possivel, o que consegue mais facilmente pelas culturas variadas; e a que se lhe inculca lhe offerece mais um recurso.

Dirá alguem que este processo do viveiro é longo, e dispendioso, por ter de esperar cinco annos, ou seis para ter oliveiras em estado de serem mudadas para o olival; e quantos annos tarda a fazer-se a oliveira pelo methodo ordinario, que usamos da plantação de estaca? E quantas se não perdem dellas, que vão augmentar o custo das que pegam? Em quanto que, as que se comprarem do viveiro, mesmo a doze vintens, nos dão a probabilidade de pegarem quasi todas, e com o avanço de vegetação que já levam.

A despeza, se a considerarmos cumulativamente, poderá suspender-nos, porém em abstracto só merece algum reparo a da surriba, e limpeza da terra, para a qual concorre a commissão com o premio mais que sufficiente para a costear, sendo nos seguintes annos a de alguns poucos jornaes de transplantação, horas da sacha, e rega, de que os fazendeiros cuidadosos sabem dispôr, sem faltar a outros misteres. Por fim, em agricultura não nos é permittido querer o impossivel, de se seguir immediatamente a recompensa ao trabalho; seria o mesmo que exigir saltos na natureza.

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XVIII.

EM QUANTO VENTA MOLHA A VELLA.

(Continuado de pag. 279.)

S. magestade achou-se então completamente só. Ia escurecendo, e tendo mandado vir luz, e olhado impaciente para a porta umas poucas de vezes, abriu um livro de capa de pergaminho, onde estavam lançadas as — *contas da vedoria* — e começou a examinar os castellos de algarismos, que lhe enchiam as paginas. Nestes exercicios arithmeticos o veio ainda encontrar o vedor da casa real.

D. Pedro encarou severamente o velho fidalgo, deu-lhe a mão a beijar com frieza, meneando a cabeça, e franzindo o sobrolho. As contas, que tinha diante de si, faziam o effeito de um caustico, exacerbavam a sua irritação.

— « Assim não admira, não ha dinheiro que chegue! — gritou el-rei, batendo no livro com o punho fechado. — Fernão de Sousa, fazem da minha casa um pinhal, todos me roubam, e tu deixas roubar. »

— « Saberá v. magestade. . . »

— « Sei, digo-te que sei! Brada ao ceu! Lançam-me de contas, sabes quanto? Seis contos e oitocentos mil réis este anno. Mas de que, santo Deus, de que? Da ucharia da rainha, que Nosso Senhor chamou para si. Depois de Deus ser servido levar a s. magestade, depois de morta, custa-me tanto ou mais que durante a sua preciosa vida. . . Fernão de Sousa, ha quantos annos falleceu a rainha, minha senhora? »

— « Em 4 de agosto passado fez sete annos. » — Respondeu placidamente o vedor.

— « Para quem é então a ucharia? . . Quem me come tantos contos de réis, quem me saqueia este dinheiro enorme? »

— « Ninguem, meu senhor. »

— « Ninguem? — exclamou o monarcha absorto com o absurdo. — Ninguem, dizes tu? »

— « Informe-se v. magestade. »

— « Matam-se as aves? »

— « Sim, meu senhor. »

— « Compram-se os mantimentos? »

— « Compram, meu senhor. »

— « Em fim gasta-se o dinheiro, perto de sete contos de réis? »

— « Sim, meu senhor. »

— « Agora o ladrão! Quem é que me devora tanto pombo e tanto doce? »

— « O ladrão? — balbuciou pasmado o official mór da casa. — O ladrão só se é a real munificencia de v. magestade. »

— « A minha munificencia? — gritou o rei levantando as mãos ao ceu, cheio de assombro. — Atreves-te a dizer que eu sou o ladrão da minha casa? »

— « V. magestade não se rouba, deixa gastar. »

— « Eu deixo gastar! . . » — repetiu o principe, cujos braços descahiam frouxos de pasmo.

— « É a verdade, senhor. Todos os dias trabalham as cozinhas e se poem as mesas. »

— « Como no tempo de s. magestade a rainha? — atalhou D. Pedro ironico.

— « Exactamente; e todos os dias á hora do estilo o trinchante e o copeiro levantam os pratos e mandam. . . »

— « Que os levem para onde elles querem? — gritou o monarcha. — Isso esperava eu. »

— « Perdoe, v. magestade! Mandam-nos consumir. . . » — Replicou o vedor com um gesto sublime.

D. Pedro II apertou as mãos na cabeça sem dizer palavra.

— « É o costume da casa real. — proseguiu o official mór serenamente. — Em quanto el-rei

não ordena o contrario continúa tudo. . . ordenados, mesa, e despezas avulsas. »

O vedor fallava com a grandeza de alma de um creado temente a Deus e conscio de seus deveres. O monarcha duvidava se tinha diante de si um velhaco, ou simplesmente um idiota.

— « E as rações? » — perguntou o soberano com um sorriso contrafeito.

— « Dão-se. »

— « E as damas? »

— « Reeebem todas. »

— « Sem servirem! E os creados da casa da rainha? »

— « Recebem todos. »

— « Fazem muito bem! Não morreu nenhum? »

— « Morreram tres. O dinheiro desses é applicado em missas pela sua alma. »

— « E eu pago esta cera de ruins defunctos? »

— « V. magestade paga. »

— « Agora quero a rasão. Senhor vedor, sabe que isto não ha de sahir barato a alguem, já que me custa a mim tão caro? »

— « A rasão é não ter subido ordem de El-rei para acabar o real estado da casa da senhora rainha. »

— « Mas falleceu ou não s. magestade ha sete annos? »

— « Menos para a sua real casa. Lá não consta. »

— Aonde aprendeste, Fernão de Sousa? » — exclamou D. Pedro furioso.

— « No collegio de Santo Antão, saberá el-rei. — acudiu o vedor com muita innocencia.

— « Ensinaram-te bem! »

— « A respeitar e amar el-rei, sobre todas as coisas, depois de Deus. »

— « Donde a tua sabedoria collige que me deves arruinar? »

— « Meu senhor, os sobejos do rei são a alegria do pobre. »

— « Grande maxima! E então? »

— « E então, como estes seis contos e oitocentos mil réis sustentam dusentas familias, entendi que v. magestade de proposito fechava os olhos. »

— « Eu nomeei-te vedor, ou esmoler, Fernão de Sousa? »

— « Vedor, saberá v. magestade. »

— « Ora bem. De hoje em diante ficarás entendendo que não fecho os olhos, mas os abro. Quero um risco nas reaes cozinhas, e outro maior se é possivel nessas mesas e apparadores. . . Tens percebido? »

Fernão de Sousa extasiou a vista, e levou o dedo indicador á boca em ar de suspensão mental. Era evidente que lhe parecia monstruoso e inaudito, que o soberano, por amor de sete contos de réis, fizesse tanto arruido, e desse ordens tão rigorosas.

D. Pedro, da sua parte, estava perplexo entre o riso e a ira. A longa e secca figura do seu vedor, perfilada e satisfeita de si, respondendo sobre as mais estupidas prodigalidades com o aprumo do homem seguro de ter cumprido religiosamente o seu dever, era um espectaculo tão original, tão exquisito e inesperado, que o monarcha. não se podendo conter mais, encostou-se á cadeira, e desafogou em frouxos de estrondosas gargalhadas. Este accesso de hilaridade passou por cima do semblante do official mór da casa, deixando-o como o achava. Fernão de Sousa continuava firme na espasmodica e engomada gravidade, incapaz de permittir que um só dos musculos da sua physionomia se desafinasse, descompondo a solemne e tesa importancia da etiqueta.

— « Porque me apparecem estas contas no fim de sete annos? — perguntou el-rei.

— « Todos os annos vem; mas v. magestade só hoje se dignou examinal-as. »

— « Ah! E a minha approvação? »

— « Entende-se, que s. magestade a dá, quando não censura. »

— « Bem! Mas não sou informado da apresentação? . . »

— « El-rei sabe tudo! »

— « Então, el-rei até advinha, Fernão de Sousa? »

— « Não, meu senhor. Mas o costume é não se dizer nada a v. magestade antes que se digne perguntar. »

— « Vamos! Quanto rendem as jugadas e direitos reaes de Cintra? »

— « Um conto quatrocentos mil réis. »

— « E o pescado e os direitos de Aveiro? »

— « Setecentos e quinze mil réis, nos ultimos sete mezes. »

— « Agora a despeza! . . O que lhe fizeram? »

— « Distribuiram-se em esmolas aos conventos pobres. »

— « Admiravel! . . E depois? » — exclamou o principe enfadado.

— « Depois, mais nada. Eram as ordens de s. magestade. » — replicou o vedor, já um pouco timido.

— « Eu taes ordens não dei! »

— « Deu-as s. magestade a rainha, de saudosa memoria, e é o mesmo, como el-rei sabe. Eram rendas da sua casa. »

— « Famoso! Em todos os negocios da vedoria ouve primeiro a Diogo de Mendonça, meu secretario das mercês, e entende-te com elle. Eu passarei as ordens. Fernão de Sousa, acho-te liberal de mais: e não quero arruinar-me por causa da etiqueta, como um dos reis catholicos soffocou ao seu brazeiro por falta de creado, que lh'o tirasse... percebes? »

— « V. magestade permitte? »

— « Falla! »

— « Posso saber se incorri no real desagrado? »

— « Para que? »

— « Para me retirar ás minhas terras. »

— « Não! Mas eu quero saber do que é meu, e tu não sabes do teu, nem do alheio; por tanto o secretario das mercês te ajudará... Ah, Diogo de Mendonça, sabes uma novidade? Sua magestade a rainha não falleceu! Pergunta ao vedor Fernão de Sousa? »

Diogo de Mendonça entrava neste momento; e ouvindo el-rei dirigir-lhe esta objurgatoria sorsiu-se com a metade do rosto, que tinha virado para elle, dando um ar magoado á outra metade, exposta á vista do fidalgo. Para não responder logo, o astuto ministro, quebrando-se de corpo para o lado esquerdo, foi a passos vagarosos ajoelhar-se diante de el-rei e beijar-lhe a mão.

— « V. magestade ordena que me retire? » — perguntou o vedor muito vermelho.

— « Não, espera!.. Diogo de Mendonça, como te disse, s. magestade a rainha não morreu. »

— « Por mais que deseje, não posso ter a fortuna de entender a v. magestade. » — replicou o secretario, furtando-se ao encontro.

— « É verdade. Acabo de pagar sete contos de réis da sua ucharia neste anno, pelas contas do meu vedor. »

— « A munificencia de v. magestade é infinita. O que são sete contos de réis? Não é el-rei o pae de seus vassallos? »

O vedor respirou. O ministro tomava o seu partido. D. Pedro sorria-se.

— « Parece-me, que és do voto do vedor, deixas pôr a mesa aos mortos para engordar os vivos. »

— « Eu, senhor?! cuidei que v. magestade fallava jocosamente. Pois ha quem roube a v. magestade, e não esteja castigado ainda? »

— « Diogo de Mendonça, ninguem me rouba. Saberás que o ladrão sou eu. »

— « Agora não percebo; perdoe v. magestade! Pois el-rei que é a sabedoria mesma... »

— « Eu me explico. Não se expediu ordem para acabar o real estado da casa da rainha, que Deus tem; e Fernão de Sousa, meu vedor, decidiu que a despeza devia continuar, como em vida de s. magestade. »

— « Por Deus! e decidiu bem, perdoe v. magestade. »

— « Decidiu bem? »

— « De certo. A obediencia é louvavel. O vedor não teve ordens... »

— « Mas quem é então o culpado, porque sem duvida alguem teve a culpa? »

— « Quem lhas não communicou; mas a benignidade de v. magestade ha de valer-lhe. »

— « Visto isso, Roque Monteiro deve á minha casa sete contos de réis por anno?.. »

— « Pois eu disse que era Roque Monteiro? Perdoe v. magestade! Eu não disse. »

— « Que em sete annos fazem? » — proseguiu el-rei, figurando não ouvir.

— « Quarenta e nove contos justos. » — concluiu o vedor com a sua inevitavel certeza de calculo e obedecendo á interrogação da vista de s. magestade.

Diogo de Mendonça fingia-se abismado. O seu rosto fez-se a mascara da tragedia á força de expressão dolorosa. Ajoelhando aos pés de el-rei com duas lagrimas quasi visiveis nos olhos e a mais artistica rouquidão na voz, o secretario das mercês exclamou:

— « V. magestade é clemente! Foi incuria delle, mas quem é perfeito, quem não as tem? Faz-se meu inimigo, bem sei: mas não importa, é bom ministro. Dizem mal? Tambem de mim! Deus sabe. Não os acredite v. magestade. Querem persuadir que elle se avença com os compradores da casa real e recebe alças dos estrangeiros?.. por Deus! Ponho as mãos no fogo... é calumnia. »

— « Ah! » — gritou el-rei, ouvindo os capitulos accusatorios pela primeira vez.

— « Não lhe dê v. magestade ouvidos. — exclamou o defensor zeloso. — Ignoro a razão por que elle me quer mal: eu nunca lho desejei; mas isso que tem? A verdade deve-se dizer. Roque Monteiro é devoto e honrado. Até lhe levantam que não ouve missa... parvos! »

— « Máu catholico, an? » — acudiu D. Pedro, severamente.

— « Não acredite, meu senhor. Elle tomou capellão. . . para a familia; e ouve-a muito cedo! Não é hereje; nada disso tem! Ah! a inveja é feia. Não me imputaram a extorsão de um crucifixo de marfim feito na India, dizendo que desde a peanha até ao resplendor todo elle eram pedras preciosas?. . pobre de mim! »

— « E então? »

— « Não era!. . E os velhacos sabiam-no. Salva a reverencia de tão devota imagem, era um bocado de marfim bem tosco de lavor, e roido dos vermes. . . Indaguei quem seria o pae da noticia. . . »

— « E descubristes o teu Anito? » — insistiu o monarcha, rindo-se.

— « Fui tão feliz que sim! Mas sem ordem expressa não posso declarar. . . »

— « Vamos! »

— « V. magestade manda? »

— « Mando. »

— « Foi Roque Monteiro, coitado! Sem maldade. . . por desfastio. »

— « E tu a defendel-o?!. . E depois? »

— « Convidei-o para almoçar, e mais ás tres pessoas que o tinham ouvido. »

— « Havia de ser divertido. . . Fallaste-lhe do Santo Christo? »

— « Obriguei-o a dizer maravilhas delle! Tambem não tinha outro remedio: os outros estavam alli. »

— « Não foi máu. Que mais? »

— « Vendi-lho. Não quiz que obra tão preciosa ficasse em outras mãos. »

— « E comprou-o? » — gritou o principe, rindo muito.

— « Que remedio! Elle até é que lhe fez o preço. »

— « Sem vêr? »

— « Quem louva estima. Custou-lhe tresentos mil réis. E salva a devoção, o objecto não vale dez: duvido que mos dessem. »

— « Excellente, Diogo de Mendonça! »

— « Pedirei a v. magestade a graça de notar que não disse nada em desabono delle. »

— « Pelo contrario! e faz-te honra. Fernão de Sousa, as contas da vedoria serão despachadas por Diogo de Mendonça. Podes sahir. »

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

VIAGENS.

Templo de Nossa Senhora d'Atocha.

Crêmos que os nossos leitores não desgostarão de ter uma breve noticia desta casa religiosa de Madrid, a que são mui affeiçoados os monarchas hespanhoes, e para onde se encaminhava a rainha Isabel II no dia 2 do corrente, quando foi perpetrado o execrando attentado contra a sua augusta pessoa.

O passeio denominado d'Atocha, mui frequentado no inverno por estar ao abrigo dos ventos, é um ramal do famoso passeio do Prado, o primeiro de Madrid, e principal desafogo de seus habitantes; estende-se desde a porta d'Atocha até o convento desse nome; formam-no tres ruas, uma a cada lado da central, que é a das carroagens, com dois renques de arvores; tem 2:310 pés de comprimento, variando a largura de 151 a 252 pés; faz angulo recto com outra das ramificações do Prado, denominada *prado del Botanico* e que costeia este jardim.

No cabo daquelle passeio, na extrema oriental do Prado, está o edificio de que tratamos. No sitio que occupava o antiquissimo santuario de N. S. da Atocha, imagem cuja origem e milagres tomou largas paginas aos historiadores e poetas matritenses, erigiram um convento de dominicanos o inquisidor geral, fr. Garcia de Loaysa, e fr. Juan Hurtado de Mendoza, confessor do imperador Carlos V: vieram de Talavera os primeiros religiosos e tomaram posse do terreno aos 11 de maio de 1523: a fabrica da casa durou muito tempo, e só ficou concluida no seculo 17.º Sobresahia esta construcção pela sua sumptuosidade, augmentada depois consideravelmente nos successivos reinados, até que o edificio foi reduzido a quartel pelos francezes em 1809. Fernando VII no seu regresso a Hespanha cuidou em restaurar esta igreja e convento, reedificando-o quasi inteiramente, fazendo construir por seu architecto D. Isidro Velasquez o elegante altar-mór, adornando todo o templo de bonitos retabulos, efigies e quadros, entre os quaes merecem menção, um S. Miguel, de Jordan, e a Magdalena, N. S. do Rosario, e o descanço no Egypto, de Corrado, como tambem os anjos da capella do Santo Christo, esculpturas de D. José Ginés e D. Estevão de Agreda. O mesmo monarcha fez trasladar com publica solemnidade para esta sua casa a antiquissima e venerada imagem de Nossa Senhora, objecto da mais religiosa piedade dos matritenses; dispoz tambem que alli se depositassem, como hoje se veem por ordem symmetrica, em elegantes pavelhões, sobre as pilastras da nave, os estandartes e bandeiras dos antigos terços, armadas e regimentos hespanhoes, e os conquistados aos inimigos; entre elles campeam o pendão de D. João d'Austria, os das ordens militares, os dos terços de Flandres, com que se enso-

berbecem os invalidos hespanhoes, moradores agora do antigo convento da Atocha.

A porta da Atocha, que fica ao sul, na extremidade da rua do mesmo nome, olhando para o Prado, dá saída para o passeio *de las Delicias*; foi fabricada em 1748 e reformada em 1828 e 1829; consta de tres arcos iguaes, decorados com columnas arrimadas de ordem jonica; é construida de ladrilho, e nada notavel como obra de architectura. Geralmente os reis e as outras pessoas reaes fazem por esta porta a sua entrada em Madrid, depois de alguma larga excursão, e em tal caso visitam a imagem de N. S. da Atocha antes de recolherem a palacio. Desde tempos remotos aquella igreja tem gosado do titulo de capella real, pela devoção predilecta dos reis catholicos, que ahi tem duas tribunas reservadas, onde assistem todos os sabbados á *Salve* solemne, que se celebra á custa da casa real, com Senhor exposto, musica instrumental etc.. sendo grande a concorrencia do publico. Em tempo de Carlos III e Carlos IV esta visita se fazia aos domingos, e era costume repicarem todos os sinos das igrejas do transito quando el-rei ía do palacio para o convento d'Atocha.

A rua da Atocha é a mais comprida de Madrid, pois tem 4855 pés, sendo a immediata (quanto a extensão) a de Hortaleza de 3695 pés.

NOTICIAS E COMMERCIO.

Necrologio. — Não desejamos tecer um elogio banal aos mortos para incensar ás paixões dos vivos, não! Nem sobre a campa, que ha pouco se fechou, quizeramos que alguma mão profana viesse escrever um epithaphio rico de vaidade. Leva-nos a escrever estas linhas esse sentimento mysterioso que nos faz communicar mesmo além da morte com aquelles a quem um sentimento nos ligou na vida.

O collocar a corôa de perpetuas sobre a pedra sepulchral, dá como a satisfação de um dever que mitiga a saudade.

Amigo de infancia do Visconde d'Asseca, Salvador Corrêa de Sá, o acompanhámos do berço á campa. Sabemos o que existia naquella alma, e avaliamos pela nossa quanta vida, quanta esperança, quantos sonhos foram repentinamente cortados pela morte. Ao nosso irmão, ao nosso companheiro nesta peregrinação da vida damos um adeus! Morreu a 24 de janeiro passado, de uma molestia aguda, que o fez acabar em dois dias e meio n'uma cama, onde descançava por momentos de velar a um filho de 5 annos que elle temia de perder, ainda mais depois da morte de uma outra filha de 3 ou 4 annos; morte que revelou ao homem já feito, pela primeira vez, a dôr, e pela ultima porque lhe sobreviveu oito dias. A doença apresentou-se-lhe logo mortal, conheceu-a, sentiu toda a saudade da vida, mas resignou-se a morrer, e quiz agarrar-se á esperança que seus paes lhe tinham apontado do berço; no meio da doença e saudade da vida teve força de preparar-se á morte. Pediu todos os Sacramentos, e pouco depois expirou nos braços de sua mulher, com sua mãe d'outro lado, e rodeado das pessoas que mais o estimavam. A sua vida foram vinte e seis annos, a sua intelligencia distincta e cultivada, o seu coração bom, excessivamente bom, generoso e delicado. Todo homem de coração, se uma circumstancia o chamasse a deixar o seu nome nas paginas da historia assignar-se-ia martyr! A vida não lhe deu tempo. Deixámos o seu corpo no cimiterio dos Prazeres, no jazigo dos condes de Villa Real, seus sogros, junto ao caixão da filhinha, que alli estava de oito dias. A consternação estava em todos, a afflição em muitos dos convidados. Esse que alli na egreja de Santos estava naquelle feretro, coberto de pannos luctuarios, rodeado de tochas, havia poucos dias que todos o tinham encontrado rico de vida e de bens da fortuna. Estas linhas não são mais do que a despedida de um amigo que avalia e se junta ao sentimento das respeitaveis senhoras, mãe e esposa do fallecido visconde d'Asseca.

* *

Conservatorio de Vianna d'Austria. — Tem 670 socios, 222 alumnos, dos quaes 79 pagam. A direcção é composta de Fischhoff, Hellmesberger e Klemm.

Rendimento do districto de Coimbra. — Segundo o *Observador*, neste districto a receita annual regula de 170 a 180 contos de réis e a despeza não sobe a 100 contos de réis.

Revista Peninsular. — É o titulo de um novo jornal litterario que se está publicando no Porto.

Historia moderna de Italia. — Para os que se interessam pelo estudo da historia de Italia deve ser mui curiosa a leitura da seguinte obra — *Lo Stato Romano dall'anno* 1815 *all'anno* 1850 *per* — *Luigi Carlo Farini; Torino*, 3 *vol.* 1851 O auctor é ao presente ministro da instrucção publica no Piemonte, e tendo exercido a vida publica nas altas regiões de Roma, o seu livro é mui rico em documentos ineditos.

Theatro de S. Carlos. — Está publicado um edital da inspecção geral dos theatros pondo a concurso a *futura empreza subsidiada* do real theatro de S. Carlos na época theatral de 1852 a 1854.

O pouco espaço de que neste numero podêmos dispôr nos obriga a adiar para o seguinte o que nos parece dever escrever deste concurso, mas desde já reparámos em uma falta que tambem nos concursos passados temos notado. O programma não se publica. A nossa opinião neste ponto é e tem sido que o programma se deve publicar não só no paiz, mas que traduzido em francez se deve publicar em Paris e Milão. Não se dando esta circumstancia parece-nos o praso de 30 dias absolutamente curto.